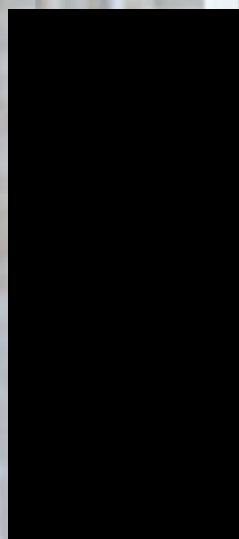
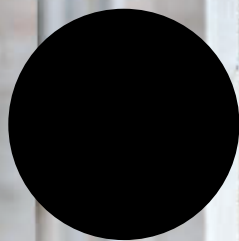


inevitável



*Entrevista a Luís Newton,
líder da concelhia de Lisboa do PSD*

“Fernando Medina tem sido um desastre na gestão da pandemia”

“Falar de Teresa Leal Coelho
é recordar o pior momento
do PSD/Lisboa”

// PÁGS. 22-25

Bruno Gonçalves

COVID-19. MANTENHA A CALMA E VAMOS A ISSO

Áreas metropolitanas de Lisboa
e Porto no centro das preocupações.
Proibidos ajuntamentos
de mais de 10 pessoas
Reino Unido volta a colocar
Portugal na lista negra

// PÁGS. 2-3

Magdalena Gomes



Ministra da Agricultura apresenta plano estratégico

Criação de portal único
da agricultura e rede
de inovação destacam-se

// PÁGS. 6-7

DOSSIÊ. AS ILHAS ENCANTADAS

Os arquipélagos dos Açores e da Madeira permanecem um património secreto que o mundo ainda não descobriu. E os portugueses? Conheça um reservatório de tesouros e surpresas sem fim // PÁGS. 12-21

Ana Gomes.
“Não posso
desertar deste
combate pela
democracia”

// PÁG. 4

**Tribunal de
Contas Europeu
alerta para riscos
de investimento
chinês**

// PÁG. 9

EUA. Trump
conhecia
os riscos
da covid-19 e
desvalorizou-os

// PÁG. 10

Cinema.
Morreu
Diana Rigg,
uma atriz sem
espinhos

// PÁG. 32

Inglaterra.
Premier
League abre
portas
sem público

// PÁGS. 34-35



Luís Newton, 43 anos, é o novo presidente da concelhia do PSD de Lisboa. Não conta na sua estratégia com Teresa Leal Coelho, a vereadora que encabeçou a lista do partido há quatro anos. Para o dirigente, o trabalho da vereadora termina com o mandato. Newton foi visado no processo Tutti-Frutti. Até hoje, não foi ouvido e garante estar sempre disponível para ser escrutinado e esmiuçado do ponto de vista político.

Luís Newton. “Falar de Teresa Leal Coelho é recordar o pior momento do PSD em Lisboa”

Novo líder do PSD de Lisboa diz que é preciso criar uma frente unida para as autárquicas de 2021 em Lisboa e vai dialogar com CDS, Iniciativa Liberal e Aliança, além de movimentos

CRISTINA RITA (Texto)

cristina.rita@ionline.pt

BRUNO GONÇALVES (Fotografia)

bruno.goncalves@ionline.pt

Ganhou com 70,61% a concelhia do PSD de Lisboa. O PSD não é poder na capital desde 2007. Qual é a sua estratégia para inverter a situação?

Em primeiro lugar, há aqui um processo que tem que ver com a recuperação da confiança dos lisboetas no projeto social-democrata para a cidade. Numa primeira fase, a nossa estratégia vai passar por ir ao encontro dos lisboetas e escutá-los: compreender, em primeira instância, quais são os novos desafios, que são hoje substancialmente diferentes daqueles que eram, por exemplo, em 2017, no último momento autárquico. Já compreendemos, por um lado, quais foram as razões que nos levaram a um mau resultado em 2017 e, agora, queremos adicionar a esse conhecimento os novos desafios e necessidades que a comunidade de Lisboa exige a quem quer implementar um projeto autárquico.

Na sua opinião, quais foram os motivos desses maus resultados?

Em primeiro lugar, desde logo porque o PSD não apresentou na altura uma mensagem diferenciadora. O PSD não tinha uma mensagem para a cidade e a prova disso é que, ao longo deste mandato, não se tem visto um PSD na câmara municipal diferenciado daquilo que é a ação do próprio Fernando Medina. Dou-lhe o exemplo da questão da Portugalá e toda a polémica à volta da Portugalá [torre projetada para o quarteirão da Portugalá].

Existiram vários PSD, o PSD/Lisboa, o PSD na assembleia municipal e o PSD na câmara. É isso que está a dizer?

Não existiram vários PSD. Existia um PSD e depois havia quem tivesse um projeto pessoal. Acho que foi a grande diferença. Os dois presidentes da concelhia do PSD que me antecederam tinham uma perspetiva sobre a cidade de Lisboa que não foi acompanhada na vereação. Mas isso é o passado. Neste momento, o futuro incide num aspeto fundamental: temos de ter a humildade de ir escutar novamente os lisboetas. E compreender as suas preocupações e que novos desafios é que este período [de pandemia de covid-19] trouxe.

E essa ideia passa por fazer inquéritos? Porta a porta? Como se concretiza essa ideia em tempos de pandemia de covid-19?

O porta-a-porta, hoje em dia, tem uma

dimensão digital. Já começámos a fazê-lo. O primeiro contacto que tivemos foi com as organizações hoteleiras, que vivem um drama muito grande. Vamos continuar a dialogar com essas instituições e também com instituições relacionadas com o comércio local. Temos uma agenda na área da saúde, que nos parece prioritária neste momento, e vamos depois discutir matérias de mobilidade, escutar os lisboetas para compreender os novos desafios de mobilidade. Aí divergimos profundamente do Partido Socialista porque entendemos que as questões de mobilidade não resultam de uma imposição com base num modelo académico, mas sim das respostas às reais necessidades que a comunidade tem. Iremos ter com as instituições de solidariedade social e depois iremos ter com as pessoas...

Mas, aí, o espaço de audição será condicionado porque estamos em plena pandemia de covid-19.

“Não recebi nenhum contacto de Teresa Leal Coelho. Parto do princípio de que o sentimento, aí, é o de que a ação autárquica em Lisboa de Teresa Leal Coelho tem um princípio, um meio e um fim, e esse fim é setembro de 2021”

“[Candidato à Câmara de Lisboa] não tem de ser um militante do PSD, poderá ser alguém da sociedade civil”

Iremos recorrer a todas as ferramentas para poder chegar até às pessoas. Também gostaria de ir ter com as pessoas presencialmente, mas sei que vai ser difícil num curto espaço de tempo. Mas quando não for possível fazê-lo presencialmente fá-lo-emos através das plataformas digitais. Iremos lançar um conjunto de ferramentas nos próximos dois meses, não só para a militância, mas também para a comunidade que queremos servir, para interagirem connosco para nos fazerem chegar as suas principais reflexões. Do ponto de vista interno, não irei abdicar (porque a política também vive desta dimensão de debate presencial) de podermos ter já um plenário [de militantes] presencial, se as condições [sanitárias] o permitirem. **Esse plenário servirá para definir algumas linhas-mestras para um programa**

eleitoral? Para definir o perfil de um candidato à câmara?

Esse plenário vai servir sobretudo para definirmos a estratégia. A estratégia vai-nos levar ao candidato. O momento que nós temos agora é o de criar as melhores condições para que o PSD seja reconhecido. Isto é como tudo na vida. Não posso querer um candidato para Lisboa se Lisboa não for apelativa para um candidato. Quero ter a capacidade para atrair os melhores quadros políticos e os melhores contributos da sociedade civil para que eles sintam confiança nas condições que o PSD de Lisboa está a criar para um projeto autárquico de futuro.

Quería voltar um pouco atrás sobre o que se passou há quatro anos. Teresa Leal Coelho foi a candidata escolhida pelo então líder do PSD. Conta com ela? Ou Teresa Leal Coelho faz parte do passado?

Falar de Teresa Leal Coelho é recordar o pior momento do PSD em Lisboa. E, portanto, quero falar sobre o futuro do PSD. Acho que as pessoas inteligentes retiram do passado as más experiências para que não se voltem a cometer os mesmos erros. E quero muito seguir essa linha.

Mas já falou com Teresa Leal Coelho sobre isso?

Não tive nenhuma conversa com Teresa Leal Coelho, nem sequer recebi nenhum contac-

to depois de ter sido eleito presidente da concelhia do PSD de Lisboa, apesar de ela apoiar uma outra solução. Mas recebi um contacto de João Pedro Costa [também vereador na câmara] a disponibilizar-se para trabalhar, a felicitar-me. Não recebi nenhum contacto de Teresa Leal Coelho. Parto do princípio de que o sentimento, aí, é o de que a ação autárquica em Lisboa de Teresa Leal Coelho tem um princípio, um meio e um fim, e esse fim é setembro de 2021.

Em seu entender, Teresa Leal Coelho deverá ficar arredada das listas.

Não trouxe nada de novo à cidade de Lisboa nem ao PSD. Se formos analisar pragmaticamente, a única memória que poderemos ter do mandato autárquico de Teresa Leal Coelho é a dos táxis [fluviais] no rio [Tejo]. Julgo que não é propria-

mente um momento de projeto alternativo, diferenciador e mobilizador da cidade de Lisboa e dos lisboetas.

De qualquer forma, a escolha de um candidato autárquico em Lisboa está, normalmente, nas mãos do presidente do PSD.

Normalmente e estatutariamente.

Como é a sua relação com o presidente do PSD, Rui Rio?

É uma relação institucional. O presidente do partido foi muito claro no que diz respeito a Lisboa e Porto: chamar o processo de decisão do candidato ouvindo as estruturas locais. Irei aguardar por esse momento em que Rui Rio decidir ouvir as estruturas locais para lhe apresentar a estratégia do PSD [de Lisboa] e as soluções que nós entendemos que poderão fazer sentido para tomar a melhor decisão possível. E nós cá estaremos para o apoiar.

Mas que perfil deve ter o candidato ou a candidata do PSD à Câmara de Lisboa? É sobretudo um perfil executivo.

Mas terá de ser alguém de Lisboa, com fortes ligações a Lisboa, e um militante do PSD.

Não tem de ser um militante do PSD, poderá ser alguém da sociedade civil. Acima de tudo, tem de ser uma pessoa que sinta Lisboa e na qual os lisboetas podem confiar, com a ideia de que acorda e se deita sempre a pensar em Lisboa e nos lisboetas. Terá de ser alguém cuja dedicação à cidade de Lisboa, depois, se demonstre de forma inquestionável.

Já se falou no nome do deputado Ricardo Baptista Leite. Há quem aponte, por exemplo, o nome de Filipa Roseta. Alguns destes nomes encaixam nesse perfil que está a definir?

Julgo que prestaria um mau serviço ao partido e a qualquer candidato estar a contribuir para o assador de nomes.

Este é o ato eleitoral em que o PSD, o PSD de Lisboa e Rui Rio têm todas as condições para ganhar e inverter a tendência dos últimos anos?

O presidente do partido tem a responsabilidade de escolher o candidato à câmara, o PSD distrital de Lisboa tem a responsabilidade de criar as condições para a governabilidade e a interação entre a concelhia e a nacional e o PSD de Lisboa tem a responsabilidade de criar uma dinâmica política local, tornando atrativa a escolha de um candidato. Reunidas estas condições por parte de todos os agentes, o PSD tem condições para ter um excelente resultado. A nossa

[continua na página seguinte >>](#)

Luís Newton diz que estratégia de Rui Rio para as autárquicas só será avaliada depois das eleições. Votará em Marcelo Rebelo de Sousa se ele for recandidato a Belém e não poupa nas palavras para descrever o trabalho de quem manda na Câmara de Lisboa. Fernando Medina tem sido um “desastre” na gestão da pandemia

>> continuação da página anterior

ambiçãõ é conquistar a confiança da maioria dos lisboetas.

Já pediu a demissão de Fernando Medina após as críticas às autoridades de saúde na região de Lisboa e Vale do Tejo, no início do verão, por causa da pandemia. Mantém esse pedido?

Julgo que me parece particularmente evidente que falar de Fernando Medina à frente da Câmara Municipal de Lisboa é falar de um total desnorte do governo da cidade. Julgo que Fernando Medina tem sido um desastre na gestão deste processo muito especial que estamos a viver. Na gestão do dia-a-dia, qualquer manga de alpaca faz o seu trabalho. Agora, um bom autarca evidencia-se no momento em que a sua comunidade mais dele precisa. E olhe este momento que estamos agora a viver, de total ausência de estratégia do início do ano escolar. Fernando Medina está à espera da decisão do ministro da Educação ou da ministra da Saúde para gerir a cidade de Lisboa? Mas, afinal, é o Terreiro do Paço ou São Bento que gerem a cidade de Lisboa ou é a Praça do Município? E aquilo a que estamos a assistir é à total incapacidade de Fernando Medina de dar respostas às necessidades e aos desafios dos lisboetas. Fernando Medina foi desastroso na questão da gestão dos decisores na área da saúde pública. Preferiu entrar em conflito em vez de tentar promover as soluções quando, curiosamente, ele tinha todas as ferramentas. Não é à toa que dizem que ele é, de facto, o número dois do Partido Socialista. Isso significa que ele deveria ter influência suficiente para condicionar o processo de decisão das próprias lideranças e não o fez. Mais parecia que ele estava numa guerra interna de poder com outras facções do PS do que propriamente a representar os interesses dos lisboetas.

Faz a leitura de que era uma questão interna do PS já a pensar no futuro da liderança?

Qualquer leitura que se possa fazer é sempre um desastre, porque não coloca os lisboetas em primeiro lugar. Fosse pela incapacidade dele ou pela disputa partidária interna, ele demonstrou que a sua preocupação não era a saúde pública dos lisboetas. Falou da área metropolitana quando não tomou qualquer decisão na área metropolitana. Porque não se pronunciou na altura da escolha dos responsáveis feita por António Costa quando criou as estruturas intermédias regionais para a ligação aos autarcas?

Porque não tratou de assegurar que a estrutura que seria montada iria dar a resposta necessária? Mas, afinal, qual é a presença que Fernando Medina tem dentro do Partido Socialista? Isto é grave. Porque não só não serviu os interesses dos lisboetas como, inclusivamente, assustou toda a gente. De repente mandou uma mensagem “vamos todos morrer porque isto tudo está mal liderado”. **Acha que teve esse impacto?**

Não teve esse impacto, graças a Deus. Como os próprios lisboetas já não dão crédito ao que diz o presidente da câmara, desvalorizaram aquilo que ele disse. É mais um disparate.

Gostava de ouvir sobre a proposta que apresentou, enquanto presidente da bancada municipal de Lisboa, sobre o uso de máscara também em espaços públicos abertos. Não é uma medida que pode ser considerada alarmante?

Alarmante foi o confinamento. Aquilo que propomos é: o país não pode viver outro confinamento. As máscaras retardam a velocidade de propagação do vírus. Todos os estudos mostram isso. E esse retardamento vai-nos permitir ganhar tempo até chegar a vacina.

Tem sido muito duro com o atual executivo, não só com Fernando Medina, mas com o vereador do Bloco de Esquerda Manuel Grilo por causa da Escola Básica n.º 72 Bartolomeu de Gusmão, tendo pedido a sua demissão. Afinal, qual é a solução que torna o PSD a alternativa na câmara nesta fase?

Sobretudo a capacidade de antever e planejar. Falou do vereador Manuel Grilo por causa da escola [Básica n.º 72 Bartolomeu de Gusmão]. Não sei se se recorda qual era a alternativa que eles tinham para

Escola n.º 72. Era uma escola onde estavam a terminar as obras, no Restelo. Com a solução da câmara, as aulas não começariam a 17 de setembro mas, muito provavelmente, só no dia 28 de setembro, e saiu uma notícia de que as obras na escola do Restelo também estão atrasadas. Mesmo a alternativa que existia para o dia 28 de setembro também já não se aplicaria. Isto é mau planeamento. Ou seja, é a total incapacidade manifestada pelo executivo do Partido Socialista, em que o presidente da câmara tem a maior parte da responsabilidade porque ele é o responsável pela organização do seu governo. Eles não preparam. Eles são confrontados consecutivamente com evidências e depois dizem que é o destino. É fado. Fado é uma dimensão cultural de Lisboa. Fado não é política autárquica em Lisboa. É a diferença entre os capazes e os incompetentes que nos gerem neste momento.

Há três semanas alertou “que o partido fundado por Sá Carneiro [PSD] jamais, em momento algum, poderá alimentar sequer a ideia de normalizar discursos” extremistas. Rui Rio não deveria admitir qualquer possibilidade de diálogo com o Chega, como o fez na entrevista que deu à RTP3?

Rui Rio até foi muito claro. Rui Rio disse isto: nos termos em que existe, o Chega não é um partido com o qual possamos conversar. E o secretário-geral do partido, José Silvano, disse a seguir, de forma muito perentória, que não iriam existir acordos pré-eleitorais com o Chega. Neste momento sinto-me perfeitamente respaldado na posição do presidente e do secretário-geral do Partido Social-Democrata.

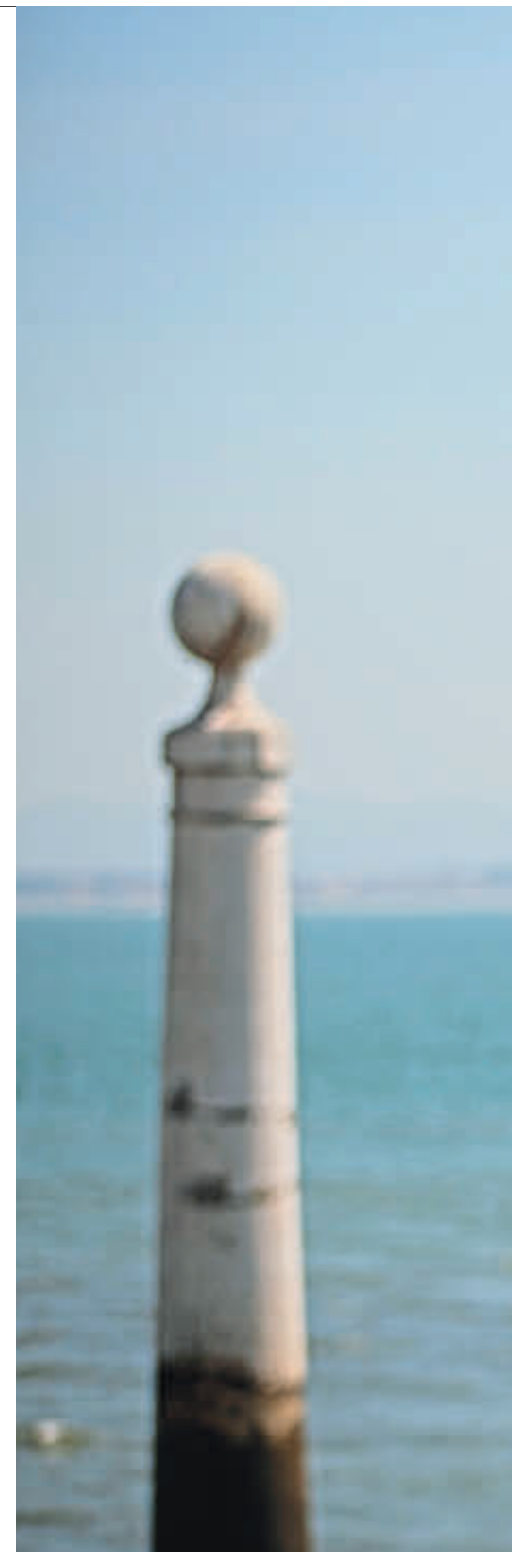
Por falar em coligações, veria com bons olhos uma coligação pré-eleitoral com o CDS na Câmara de Lisboa?

Quero ser muito claro. Julgo que o grande desafio que nós temos em Lisboa, neste momento, é o desafio de poder assegurar uma plataforma de confiança e com uma abrangência político-partidária alargada. Eu diria que não é só com partidos, é também com a sociedade civil. Temos de ser capazes de liderar uma grande frente unida, com várias sensibilidades, para apresentar respostas aos anseios e às frustrações dos lisboetas. **E essa frente unida incluiria CDS, independentes, sociedade civil? Quem incluiria?**

Como diz o poema, “aquele que vier por bem será sempre recebido”. Nós temos a

“Julgo que Fernando Medina tem sido um desastre na gestão deste processo muito especial que estamos a viver”

“Temos de ser capazes de liderar uma grande frente unida, com várias sensibilidades, para apresentar respostas”



expectativa de vir a assegurar aqui uma plataforma de entendimento. Se só for do PSD, será só do PSD. No limite, terá de ser o presidente do partido a decidir. Mas do nosso ponto de vista é desejável que, sob a liderança do PSD, se consiga uma grande abrangência para ir ao encontro das necessidades da comunidade que servimos. Isso vai desde movimentos da sociedade civil a partidos políticos do centro-direita e tudo aquilo que melhor representa o que se pode construir em prol da cidadania.

Havendo vontade de parte a parte, deve haver uma coligação pré-eleitoral com o CDS?

Deve haver abertura. Dialogar o CDS, com a Iniciativa liberal, com a Aliança, dialogar com um conjunto de movimentos da sociedade que possam ter uma dinâmica concordante com esta visão para uma proposta emergente e urgente, para dar respostas aos anseios dos lisboetas. E, sim, iremos ter vários contactos. Depois irei apresentar o resultado ao presidente do partido para que tome as melhores decisões possíveis.

Não foi um apoiante de Rui Rio em 2018. O presidente do PSD já vai no segundo mandato. Rui Rio tem sido



um bom líder e está a preparar bem o dossiê das autárquicas de 2021?

Isto é como uma obra. Quando nós estamos a fazer uma obra, parece sempre estranho estar a meio da obra a comentar se está bem ou está mal. Nesta altura, a minha responsabilidade é a de poder assegurar as condições para a estratégia que ele implementou. Depois, o líder do PSD vai ter de responder pela estra-

“O líder do PSD vai ter de responder pela estratégia que implementou”

“Estou, e tenho de estar sempre, disponível para ser escrutinado e esmiuçado”

tégia que implementou. Eu também tenho uma missão e terei de responder por ela. Por isso, o meu foco agora, mais do que estar preocupado se Rui Rio está a virar bem para a direita ou virar bem para a esquerda, é se eu estou a virar bem para a esquerda ou bem para a direita, como se costuma dizer. O meu enfoque é assegurar a minha planificação. Haverá um momento para avaliarmos. Não é correto estar a fazer avaliações a meio do caminho. As avaliações fazem-se no fim.

Estamos a quatro meses das presidenciais. Considera que o Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, mobiliza o eleitorado do PSD?

Marcelo Rebelo de Sousa é o candidato natural do centro-direita. E nesse sentido há de, inevitavelmente, ser essa força mobilizadora. Os dados de que nós dispomos mostram taxas de aprovação entre os 70 e os 80%. Isto é algo inédito. Do ponto de vista da análise estatística, é um reconhecimento daquilo que é uma aceitação generalizada por parte de todo o país. Os militantes sociais-democratas são sempre muito opinativos. E, nesse sentido, têm feito ouvir a sua voz. O pró-

prio Marcelo Rebelo de Sousa tem mostrado alguns sinais de que dá importância àquilo que o PSD pensa. Aliás, ele foi o primeiro a dar enorme destaque a um autarca do PSD que estava sozinho a lutar, contra tudo e contra todos, no combate à pandemia no norte do país: Salvador Malheiro, autarca de Ovar.

Votará nele se for recandidato?

Sim, sem sombra de dúvida.

O seu nome foi visado em 2018 no caso conhecido como Tutti-Frutti [processo que envolve suspeitas de crimes económico-financeiros]. Nessa altura disse ao *i* que sentiu um “grande enclausuramento” por causa do caso Tutti-Frutti. Esse sentimento está afastado? Ou condiciona-o?

A questão do enclausuramento foi porque naquele dia [em que fui alvo de buscas] não pude falar com ninguém. Há aqui uma questão que é fundamental em relação ao processo Tutti-Frutti e é por aí que quero começar: quem está na política, obviamente, tem de estar sujeito a um escrutínio superior. E encaro isso com responsabilidade e naturalidade. Estou, e tenho de estar sempre, disponível para ser escrutinado e esmiuçado. Também

tenho uma noção clara de que há duas dimensões aqui. Há uma dimensão relacionada com o processo propriamente dito e, depois, há uma dimensão relacionada com o aproveitamento político que alguns querem fazer do processo.

Quem quer fazer esse aproveitamento político?

Quem quer aproveitar-se dessa confusão para tentar desclassificar-me, ou seja, quem, se calhar, teme a minha existência política-partidária. Eu até diria três: a minha existência política, partidária e autárquica. Mas, para que fique claro, estou confortável com o escrutínio a que estou sujeito e sei que o escrutínio a que estou sujeito tem de ser superior a todos os outros. Porque sou autarca, faço gestão de dinheiros públicos e, portanto, tenho de estar sujeito a isso. Desde essa data até hoje ainda não me pediram para ser ouvido. Na altura disse, nessa entrevista: o presidente da câmara municipal e a câmara municipal também foram alvo de buscas dentro do mesmo processo. Eu anseio pelo momento em que vou poder esclarecer todas as dúvidas que tenham surgido eventualmente e originado o meu envolvimento neste processo.